

MEMÓRIA E METAFÍSICA:

SOBRE A CONSTITUIÇÃO MORAL DO HOMEM EM NIETZSCHE

DANILO MORAES LOBO - Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Memória:
Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
Integrante do Grupo de Pesquisa Memória, subjetividade e subjetivação
no pensamento contemporâneo (UESB).

Resumo: *O presente artigo tem por finalidade discutir os vínculos entre memória e metafísica no pensamento de Nietzsche, partindo das reflexões que o filósofo estabelece em alguns de seus textos, nos quais sobressaem o problema da moral enquanto resultado de injunções históricas que modelaram determinados regimes de interpretação e valoração que terminaram por se assentar em justificativas transcendentais. A memória aparece em Nietzsche, num determinado sentido, como artefato produtor de metafísica, capaz de arremessar um processo civilizatório e produzir um homem cultural.*

Palavras-chave: *Memória. Metafísica. Homem. Moral.*

Abstract

This article aims to discuss the links among memory and metaphysics in Nietzsche's thought, from the reflections that the philosopher sets out in some of his writings, in which stand the problem of moral like result of injunctions historical who established certain regimes of interpretation and evaluation which ended up settling in transcendent justifications. The memory appears in Nietzsche, in a sense, as an artifact that produces metaphysics, able to regiment the civilizing process and produce a cultural man.

Keywords: *Memory. Metaphysics. Man. Moral.*

Introdução

A problemática dos valores em Nietzsche é atravessada pela preocupação sobre as condições de emergência do homem moral, dado que para o filósofo é justamente a pesquisa genealógica que permite evidenciar as implicações metafísicas que sustentam os fundamentos que estruturam os padrões valorativos que norteiam a civilização. Nesse sentido, para se entender o problema da moralidade em suas vinculações com a metafísica, Nietzsche precisa também necessariamente enfrentar a questão sobre a constituição da memória no homem e o porquê de transformá-lo num ser submetido a imperativos mnemônicos.

A perspectiva do filósofo alemão aponta para o escrutínio genealógico de uma memória que se impôs violentamente e estabeleceu regimes de cognição e interpretação que conformaram o homem à moralidade, sendo estabelecidos imperativos de linguagem e sociabilidade que se assentaram em valorações metafísicas. Nesse sentido, o processo civilizatório que constituiu o homem moral combateu incessantemente o devir, produzindo a domesticação do animal humano errante que historicamente foi desprezado em favor de uma interioridade humana mnemônica, capaz de reconhecer os sentidos que estão para além da sua contingência existencial.

Os laços entre memória e metafísica são identificados também na reflexão nietzschiana aos exercícios filosófico, poético e retórico. A linguagem em suas múltiplas expressões foi ancorada em cadeias de sentido que produziram congruência e identificação na busca pelo estabelecimento de uma constância espiritual. Sendo assim, os próprios regramentos discursivos apresentaram-se como suspensões projetivas-metafísicas-mnemônicas que disciplinaram o homem a pensar a partir de esquemas e diretrizes que o conduziram às possibilidades estabilizadoras, capazes de dar sentido e explicar as contingências a que os homens estão expostos no devir.

1. Memória e estabilização civilizatória

A reflexão de Nietzsche sobre a memória se constitui enquanto caminho interpretativo que delinea tensões constitutivas próprias das dinâmicas sócio-históricas no que dizem respeito às exigências em torno do lembrar, em particular a constituição de um homem tributário de uma tradição coercitiva que o constrange a empregar valorações estabilizadoras nas trocas e mediações próprias da vida em comum. O filósofo na segunda dissertação de sua *Genealogia da Moral* (1887) irá se perguntar sobre o surgimento da memória, dando prosseguimento a perspectiva inicial da obra que consiste em não considerar os valores como dados eternos, abstraídos das suas condições históricas de possibilidade. Desse modo, Nietzsche se predisporá a fazer uma genealogia da memória, levando

em conta que a habilidade mnemônica não se configura enquanto faculdade natural, mas sim como resultado de um processo civilizatório violento (*mnemotécnica*), cujo resultado foi estabelecer um ser previsível e memorioso, afastado da sua condição de animal errante e propício ao esquecimento e submetido a uma progressiva interiorização e adensamento espiritual.¹

A hipótese antropológica que Nietzsche apresenta na *Genealogia da Moral* busca dar conta do surgimento de um animal que produz valor, chamando atenção para os fatores de ordem mnemônica que sedimentaram e estruturaram o homem a partir de matrizes morais que o coagiram a subsumir situações e vivências diversas a padrões interpretativos, os quais assumiram caráter transcendente e se tornaram parâmetros de sentido para a existência. Não obstante, o caminho dos valores para a transcendência e a sua constituição enquanto artefatos de memória carregam consigo traços de crueldade e violência, pois conforme o filósofo só aquilo que não cessa de causar dor permanece vivo na memória e se torna capaz de orientar e justificar práticas normativas no interior da vida em comunidade. Os procedimentos mnemônicos ancorados na metafísica, por outro lado, se traduzem em pactos de identificação e reconhecimento que consolidam a oposição de valores, desprezando singularidades e contingências em favor da estabilidade do mundo do ser.²

A constituição de um sujeito moral requer sobretudo o estabelecimento social do dever de lembrança e se verifica na genealogia nietzschiana principalmente na psicologia do ressentimento, onde o homem vivencia o passado como fardo do qual não consegue se livrar. Constitui-se como ser reativo e incapaz de metabolizar o tempo, projetando-se para um além e para a negação do tempo, onde visualiza a possibilidade de expressão da sua vontade que é impedida de se realizar no devir. A moral escrava seria uma possível expressão de uma memória metafísica, tributária de uma promessa de vingança, afeita aos valores em si, apartados da transitoriedade, a qual abriga o perigo do esquecimento e ainda desconsidera os processos de identificação e reconhecimento mnemônicos necessários à moral. A memória nesse sentido estaria caracterizada como uma suspensão projetivo-metafísica frente a corrente avassaladora do esquecimento, estabelecendo-se como alicerce para o

¹ Nietzsche na *Genealogia da Moral* (1887) ao lançar a hipótese sobre a má consciência nos informa sobre o processo de interiorização do homem, no qual os instintos do animal primitivo e errante são represados em favor da constituição de uma profundidade espiritual: “Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* – isto é o que chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi *inibido* em sua descarga para fora” (NIETZSCHE, 1998, p. 73)

² Ao discutir sobre os preconceitos dos filósofos no início de *Além do bem e do mal* (1886), Nietzsche sustenta que a crença na oposição de valores é própria dos metafísicos, o que nos remete a considerar, sob uma determinada perspectiva, a memória enquanto instrumento de identificação e reconhecimento do ser e propiciadora de um determinado tipo de valoração. Segundo Nietzsche: “Como poderia algo nascer do seu oposto? Por exemplo, a verdade do erro? Ou a vontade de verdade da vontade de engano? Ou a ação desinteressada do egoísmo? Ou a pura e radiante contemplação do sábio da concupiscência? Semelhante gênese é impossível; quem com ela sonha é um tolo, ou algo pior; as coisas de valor mais elevado devem ter uma origem que seja outra, *própria* – não podem derivar desse fugaz, enganador, sedutor, mesquinho mundo, desse turbilhão de insânia e cobiça! Devem vir do seio do ser, do intransitório, do deus oculto, da ‘coisa em si’ – nisso, e em nada mais, deve estar sua causa!” – Este modo de julgar constitui o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos; tal espécie de valoração está por trás de todos os seus procedimentos lógicos; é a partir desta sua “crença” que eles procuram alcançar seu “saber”, alcançar algo que no fim é batizado solenemente de “verdade”. A crença fundamental dos metafísicos é a *crença nas oposições de valores*” (NIETZSCHE, 2005, p. 10)

abrigo espiritual do homem.³

O homem enquanto ser responsável e apto a fazer promessas, torna-se um problema relevante para Nietzsche na *Genealogia* e nos conduz a uma reflexão sobre o vínculo entre o processo civilizatório e os valores. O problema do homem moral perpassa pelo como é possível torna-lo apto e capaz em responder de maneira previsível às interpelações que se colocam ininterruptamente e o obrigam a assumir posições que reforcem o senso de coerência e estabilidade do ordenamento social. Conforme argumenta Nietzsche: “A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e portanto confiável” (NIETZSCHE, 1998, p. 48). A possibilidade de prometer, própria ao homem, vincula-se portanto à sua estabilização, o que requer um trabalho de conformação à “moralidade do costume” e adequação à camisa-de-força social. O estabelecimento de um homem confiável perpassa ainda pela instituição da obediência enquanto imperativo mnemônico capaz de tornar o homem afeito a gregriedade. Segundo Nietzsche:

Na medida em que sempre, desde que existem homens, houve também rebanhos de homens (clãs, comunidades, tribos, povos, Estados, Igrejas), e sempre muitos que obedeceram, em relação ao pequeno número dos que mandaram – considerando, portanto, que a obediência foi até agora a coisa mais longamente exercitada e cultivada entre os homens, é justo supor que via de regra é agora inata em cada um a necessidade de obedecer, como uma espécie de *consciência formal* que diz: “você deve absolutamente fazer isso, e absolutamente se abster daquilo”, em suma, “você deve” (NIETZSCHE, 2005, p. 85).

Considerando ainda a perspectiva da estabilização, o processo de constituição da memória no homem, tendo em vista a sua disposição para o esquecimento, foi pautado pela dor que funcionou, segundo a hipótese explicativa do filósofo, como processo formativo por meio do qual os homens e as civilizações puderam adquirir gravidade, solenidade e seriedade. A dor como recurso mnemônico se fez presente em sacrifícios, martírios, mutilações, enfim num amplo espectro de práticas cruéis que moldaram desde princípios jurídicos às religiões, que num nível mais profundo seriam sistema de crueldade para Nietzsche. O estabelecimento de convenções e padrões interpretativos se apresentam

³ Em *Além do bem e do mal* (1886), Nietzsche chama atenção para aquilo que ele denomina enquanto “vontade fundamental do espírito”, delineando alguns aspectos que indicam um processo de estabilização espiritual que funciona de certa maneira como abrigo: “– Esse imperioso algo a que o povo chama “espírito” quer ser e quer se sentir senhor, dentro e em torno de si: tem a vontade de conduzir da multiplicidade à simplicidade, uma vontade restritiva, conjuntiva, sequiosa de domínio e realmente dominadora. Suas necessidades e faculdades são aqui as mesmas que os fisiólogos apresentam para tudo que vive, cresce e se multiplica. A força que tem o espírito, de apropriar-se do que lhe é estranho, manifesta-se num forte pendor a assimilar o novo ao antigo, a simplificar o complexo, a rejeitar ou ignorar o inteiramente contraditório: do mesmo modo ele arbitrariamente sublinha, destaca e ajeita para si determinados traços e linhas do que lhe é estranho, de cada fragmento de “mundo exterior”. Assim fazendo, sua intenção é incorporar novas experiências, enquadrar novas coisas em velhas divisões – é o crescimento, portanto; mais exatamente, a *sensação* de força aumentada” (NIETZSCHE, 2005, p. 122-123)

na *Genealogia da Moral*, muito próximos da ideia também presente no *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* (1873), qual seja, a constituição de um homem previsível e subordinado asceticamente à cadeias de sentido que se tornam praticamente naturais. O que nos remete ao filósofo ao argumentar que:

Em determinado sentido isso inclui todo o ascetismo: algumas ideias devem se tornar indelévels, onipresentes, inesquecíveis, “fixas”, para que todo o sistema nervoso e intelectual seja hipnotizado por essas “ideias fixas” – e os procedimentos e modos de vida ascéticos são meios para livrar tais ideias da concorrência de todas as demais, para fazê-las “inesquecíveis” (NIETZSCHE, 1998, p. 51).

2. Memória e estabilização interpretativa

O processo de domesticação do animal errante primitivo que se estabeleceu segundo a hipótese genealógica dialoga com o texto *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* (1873), no qual a questão da linguagem e sua relação com o problema da verdade é analisada sob o mesmo princípio de estabilização indicado na *Genealogia*, ou seja, por meio das convenções próprias a gregariedade, o homem subordinou o potencial metafórico que carregava consigo às ficções estáveis próprias ao âmbito conceitual que regula retórica e moralmente a linguagem, desprezando assim a plasticidade própria das metáforas intuitivas originais. Essas acabaram por se tornar abrigos metafísicos e mnemônicos que delinearam um mundo de coisas em si no qual o homem se reconheceu e se sentiu acolhido, onde sua consciência se produziu para transitar com desenvoltura diante de encadeamentos que tornaram as coisas necessárias e confiáveis frente a hostilidade do mundo contingencial. Pois conforme Nietzsche:

Somente pelo esquecimento desse mundo metafórico primitivo, apenas pelo enrijecimento e petrificação de uma massa imagética que, qual um líquido fervente, desaguava originalmente em torrentes a partir da capacidade primitiva da fantasia humana, tão-somente pela crença imbatível de que *este* sol, *esta* janela, *esta* mesa são uma verdade em si, em suma apenas por que o homem se esquece enquanto sujeito e, com efeito, enquanto sujeito *artisticamente criador*, ele vive com certa tranquilidade, com alguma segurança e consequência; se pudesse sair apenas por um instante das redomas aprisionadas dessa crença, então sua “autoconsciência” desapareceria de imediato (NIETZSCHE, 2007, p. 41).

A estabilização linguística se apresentou então como exercício retórico e poético de utilização de metáforas que se transmutaram em verdades canônicas e obrigatórias para os homens. O filósofo

destaca que moralmente o homem se vê obrigado a mentir em rebanho e conforme uma convenção consolidada, num estilo a todos obrigatório, acreditando alcançar a verdade precisamente pelo esquecimento da mentira e do ilusório que se encontram em sua base. Nietzsche chama atenção ainda para o fato de que a partir da relação estética entre sujeito e objeto, onde ocorrem mediações, apropriações e invenções não se sustenta o critério da exatidão, sendo que a própria relação entre imagens e estímulos nervosos não é em si algo que se opera por necessidade, tendo em vista que a geração de uma imagem reproduzida incontáveis vezes e sendo herdada por várias gerações de homens, acaba por se consolidar num significado homogêneo e que faz parecer uma relação causal o intervalo entre estímulo nervoso e imagem. O filósofo compara essa situação a um sonho que, se fosse repetido eternamente, seria sentido e julgado como uma efetividade.

A produção do homem moral, afeito à estabilidade e ao regramento é destacada também em *Além do bem e do mal*, quando Nietzsche pondera que o essencial e inestimável em toda moral é o fato dela ser uma demorada coerção ou submissão à “leis arbitrárias”. O filósofo exemplifica isso ao dizer que toda uma conjunção mnemônica se impõe na coerção da língua para conseguir vigor e liberdade, quando poetas, oradores e prosadores, estão submetidos à uma consciência implacável que os fazem respeitar métrica, rima e ritmo. A sujeição prolongada produz uma constância no espírito e consolida determinados regimes interpretativos que informam de onde se deve partir para se obter continuidades e identificações, e por outro lado, também impõe o que deve ser desconsiderado e esquecido:

O essencial, “no céu como na terra”, ao que parece, é, repito, que se *obedeça* por muito tempo e *numa* dada direção: daí surge com o tempo, e sempre surgiu, alguma coisa pela qual vale a pena viver na terra, como virtude, arte, música, dança, razão, espiritualidade – alguma coisa transfiguradora, refinada, louca e divina. A prolongada sujeição do espírito, a desconfiada coerção na comunicação dos pensamentos, a disciplina que se impôs o pensador, a fim de pensar sob uma diretriz eclesiástica ou cortesã ou com pressupostos aristotélicos, a duradoura vontade espiritual de interpretar todo acontecimento segundo um esquema cristão, e redescobrir e justificar o Deus cristão em todo e qualquer acaso – tudo o que há de violento, arbitrário, duro, terrível e antirracional nisso revelou-se como o meio através do qual o espírito europeu viu disciplinada a sua força, sua inexorável curiosidade e sutil mobilidade: mesmo reconhecendo a quantidade insubstituível de força e espírito que aí teve de ser sufocada, suprimida e estragada (pois nisso, como em tudo, a natureza se mostra como é, em toda a sua magnificência pródiga e *indiferente*, que nos revolta, mas que é nobre) (NIETZSCHE, 2005, p. 77).

A produção de um animal memorioso que se desdobra na conformação de um sujeito moral em Nietzsche vincula-se a todo um processo de estabilização e estreitamento interpretativo, no qual ressalta-se a violência como um dos fatores que impõe regimes de cognição, a partir dos quais são permitidos determinados encadeamentos reflexivos, que orientam e legislam sobre o sentido dos acontecimentos e desqualificam e desprezam as situações não enquadradas em nexos causais que

reverberam a antropologia estabilizadora do homem. Nesse sentido assinala Oswaldo Giacoia Junior:

Para poder pensar causalmente, escreve Nietzsche, antes foi necessário *tornar o próprio homem previsível, calculável, igual*, ou seja, de algum modo modelar as pulsões do animal errante e não fixado – o que só pode ser feito por meio da sociedade e dos costumes –, a saber, com base em exercício da violência que se prolonga no tempo até interiorizar-se e sublimar-se nas formas da civilização e na herança psicogenética da humanidade. É, portanto, no alvorecer da hominização que se determina também o essencial quanto ao futuro do homem: a capacidade psíquica de pensar ao fio condutor do princípio de razão, e, portanto, calcular, de aprender a distinguir o acaso e a necessidade, de aprender a observar, registrar e antecipar o registrado, de prever para prover, de presentificar o distante atual (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 50).

A genealogia empreendida pelo filósofo alemão ao colocar em evidência as relações entre metafísica e moral, com o conseqüente deslocamento interpretativo que se pergunta pelo valor dos valores, institui descontinuidades que permitem pensar sobre outro prisma o próprio exercício filosófico. Este é pensado para além dos domínios estáveis de uma metafísica que reforça apenas memórias do reconhecimento de um mundo imperturbável e harmônico, uma tartufice mentirosa travestida de manto sagrado conforme destaca o filósofo, próprias de um impulso ao conhecimento apartado da existência e naturalizado. Nietzsche salienta que o filosofar estaria sob a tutela de impulsos básicos no homem que lutam para se assenhorar das finalidades últimas da existência, conforme destaca em *Além do bem e do mal*:

Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas; e também se tornou claro que as intenções morais (ou imorais) de toda filosofia constituíram sempre o germe a partir do qual cresceu a planta inteira. De fato, para explicar como surgiram as mais remotas afirmações metafísicas de um filósofo é bom (e sábio) se perguntar antes de tudo: a que moral isto (ele) quer chegar? Portanto não creio que um “impulso ao conhecimento” seja o pai da filosofia, mas sim que um outro impulso, nesse ponto e em outros, tenha se utilizado do conhecimento (e do desconhecimento) como um simples instrumento. Mas quem examinar os impulsos básicos do homem, para ver até que ponto eles aqui teriam atuado como gênios (ou demônios, ou duendes) *inspiradores*, descobrirá que todos eles já fizeram filosofia alguma vez – e que cada um deles bem gostaria de se apresentar como finalidade última da existência e legítimo *senhor* de outros impulsos. Pois todo impulso ambiciona dominar: e *portanto* procura filosofar (NIETZSCHE, 2005, p. 13).

O exercício filosófico é pensado, portanto, como um testemunho mnemônico vinculado a uma perspectiva moral que apresentaria o filósofo como de fato ele é. Não há, segundo Nietzsche, como o

filósofo ser impessoal, e sua atividade interpretativa se assenta numa hierarquia na qual se dispõem os impulsos mais íntimos de sua natureza.

O processo de produção conceitual da filosofia também se vincula, conforme o filósofo, a uma corrente mnemônica que produz reconhecimento e identificação, atestando portanto os vínculos metafísicos que passam o processo de produção filosófica:

Os conceitos filosóficos individuais não são algo fortuito e que se desenvolve por si, mas crescem em relação e em parentesco um com o outro; embora surjam de modo aparentemente repentino e arbitrário na história do pensamento, não deixam de pertencer a um sistema, assim como os membros da fauna de uma região terrestre – tudo isto se confirma pelo fato de os mais diversos filósofos preencherem repetidamente um certo esquema básico de filosofias *possíveis*. À mercê de um encanto invisível, tornam a descrever sempre a mesma órbita: embora se sintam independentes uns dos outros com sua vontade crítica ou sistemática, algo neles os conduz, alguma coisa os impele numa ordem definida, um após o outro – precisamente aquela inata e sistemática afinidade entre os conceitos. **O seu pensamento, na realidade, não é tanto descoberta quanto reconhecimento, lembrança; retorno a uma primeva, longínqua morada perfeita da alma, de onde os conceitos um dia brotaram – neste sentido, filosofar é um atavismo de primeiríssima ordem** (NIETZSCHE, 2005, p. 24 – grifos nossos).

Evidencia-se o exercício filósofo, conforme a compreensão que Nietzsche apresenta em *Além do bem e do mal*, como um processo de reiteração a partir de diretrizes que se assentaram metafisicamente. Nesse sentido, o regime de produção filosófica estaria vinculado a reconhecimentos capazes de definir as possibilidades interpretativas que advêm do intercâmbio sistemático de ideias que respeitam um ordenamento mnemônico.

Considerações Finais

A hipótese antropológica sobre o surgimento da memória em Nietzsche, cuja discussão se apresenta na sua *Genealogia da Moral*, aponta para a necessidade civilizatória da produção de um homem estável e capaz de se situar num determinado regime valorativo, a partir do qual possam ocorrer mediações e compensações que estruturam os vínculos sociais. A memória nesse sentido, surge como instrumento de produção da coesão civilizatória, erigindo marcos interpretativos que adquirem estatuto transcendente que exigem reconhecimento e identificação para a conformação do homem moral

O debate que Nietzsche estabelece com a tradição filosófica delinea os vínculos mnemônicos e metafísicos que atravessam a produção conceitual e que estariam assentados em cadeias de sentidos próprias a um regime de valoração comprometido também com a modelagem de um homem moral que necessita ser estabilizado nos mais diversos domínios.

Por fim, é possível considerar que a memória, numa determinada perspectiva sob a ótica de Nietzsche, apresenta-se enquanto produto de determinadas injunções históricas e que se constituiu no processo civilizatório, num poderoso instrumento da metafísica e por consequência de conformação de um sujeito moral, já que o processo de constituição de um animal memorioso assentou-se em múltiplas estabilizações (linguísticas, jurídicas, religiosas, morais, metafísicas) necessárias para tornar o homem previsível, necessário e confiável, sujeito a uma tipo de memória conciliatória sobretudo com as demandas civilizacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA :

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Sobre a verdade e mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Hedra, 2007.